



## TROPICÁLIA, BANANAS AO VENTO!<sup>1</sup>

José Agnaldo MONTESSO Jr.<sup>2</sup>

Sabrina Areias TEIXEIRA<sup>3</sup>

Fernanda Azevedo COUTO<sup>4</sup>

Gisele Siqueira GONÇALVES<sup>5</sup>

Kátia de Lourdes FRAGA<sup>6</sup>

Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG

### RESUMO

“Bananas ao vento” é um documentário radiofônico educativo-cultural que apresenta a irreverência do movimento Tropicalista. A principal premissa deste movimento era fazer um ritmo musical inspirado na antropofagia, ou seja, universalizar a linguagem da MPB, incorporando elementos da cultura jovem mundial, sintonizando, ao mesmo tempo, a eletricidade com as informações da vanguarda erudita por meio de arranjos inovadores. Assim, o documentário tentou mostrar a antropofagia radiofonicamente por meio da mistura de elementos jornalísticos, musicais e literários.

**PALAVRAS-CHAVE:** documentário; música; tropicalismo.

### INTRODUÇÃO

O tropicalismo foi um movimento que deixou suas marcas não só na música popular brasileira, mas também em outros gêneros artísticos, como o cinema, o teatro, as artes plásticas e a literatura. Para Sant’Anna (2004), o Tropicalismo foi o primeiro momento do *underground* brasileiro criado intuitivamente. Esse movimento surgia como uma atualização da linguagem musical brasileira em relação ao que até então se vinha produzindo na Europa e nos Estados Unidos.

A Tropicália representou uma abertura cultural no sentido amplo, contribuindo para a história musical brasileira. O movimento retomou o que os modernistas começaram a fazer e que ninguém nunca havia tido coragem de tentar: usar elementos dos mais variados,

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XVI Prêmio Expocom 2009, na Categoria Jornalismo, modalidade Documentário em áudio (avulso).

<sup>2</sup> Aluno líder do grupo e estudante do 7º. Semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo, email: agnaldomontesso@gmail.com.

<sup>3</sup> Estudante do 7º. Semestre do Curso Comunicação Social - Jornalismo, email: sabrinaareias@yahoo.com.br.

<sup>4</sup> Estudante do 7º. Semestre do Curso Comunicação Social - Jornalismo, email: fernandacoutoufv@gmail.com.

<sup>5</sup> Estudante do 7º. Semestre do Curso Comunicação Social - Jornalismo, email: giseleufv@gmail.com.

<sup>6</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Curso Comunicação Social - Jornalismo, email: [katiafraga@ufv.br](mailto:katiafraga@ufv.br).

<sup>7</sup> Participaram da elaboração do documentários os estudantes do 7º período do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa Aramis Sebastião Assis e Talita Iasmim Aquino.



dos arranjos mais diferentes, desde o clássico até baião, acrescentando também elementos pop, usando nas letras diferentes colagens visuais e discussões estéticas, além de pensamentos revolucionários. Era ressaltado o lado cafona brasileiro, ou seja, tudo aquilo que a classe média vivia tentando esquecer, fazendo com que muitos não entendessem o estilo de vanguarda os tropicalistas traziam. O que eles fizeram foi realmente mexer na ferida da sociedade daquela época, discutindo todos os assuntos e, até por isso, sofrendo sérias represálias dos militares.

Entretanto, o movimento que, ao longo de 1968, revolucionou a música popular brasileira, não tinha a pretensão de elaborar um novo estilo musical, mas sim instaurar uma nova atitude. Assim como a Tropicália, o *Bananas ao Vento* apresenta-se como um documentário radiofônico educativo-cultural irreverente e que se apropria de diversos elementos para possibilitar ao ouvinte uma viagem e ser “transmutado” de energia tropicalista.

## **2 OBJETIVO**

O objetivo do *Bananas ao Vento* é apresentar a irreverência do tropicalismo para os ouvintes a partir da principal premissa deste movimento que era fazer uma música inspirada na antropofagia, isto é, produzir canções que “deglutissem”, ou seja, juntassem, vários elementos musicais ao mesmo tempo, como *The Beatles* com suas guitarras elétricas, a Bossa Nova de Tom Jobim e o regionalismo de Luís Gonzaga. Assim, será mostrada a antropofagia radiofonicamente por meio de um documentário que mistura notas informativas, sonoras, o discurso inflamado de Caetano Veloso, frases musicais e declamação do poema Geléia Geral, entre outros elementos radiofônicos.

## **3 JUSTIFICATIVA**

Diante de toda a importância da Tropicália, já que o movimento representou uma “abertura” cultural no sentido amplo, contribuindo incisivamente para a música brasileira, optamos por produzir um documentário em que fosse priorizada a força musical do movimento, até porque o documentário integra uma série de programas que apresentou as influências sofridas pela música brasileira.



Tendo em vista que o movimento tropicalista pode ser considerado um marco revolucionário e renovador para a música até então produzida no país, uma vez que foi capaz de ousar utilizando uma gama de possibilidades, a proposta de produzir um documentário encaixa-se totalmente na proposta do Tropicalismo.

O documentário radiofônico, segundo José (2003) é um formato do gênero jornalístico em que podem ser feitas maiores possibilidades, afinal é possível unir em um documentário outros vários formatos, como entrevistas, notas informativas, dramatização de textos e acontecimentos.

Já o movimento Tropicalista é essencialmente híbrido, capaz de incorporar diversos elementos e linguagens em apenas uma música, desde os elementos musicais voltados para o gosto da classe média intelectualizada, até o ruído, exagero e tendências socialmente mais valorizadas na música popular.

Com a união de dois objetos híbridos, documentário e tropicalismo, o resultado só poderia ser um programa misto e capaz de englobar diversos elementos, encaixando-se ainda no formato documentário educativo-cultural, pois de acordo com Barbosa Filho (2003) a abordagem do documentário educativo-cultural “é direcionada a um tema de cunho humanístico, como uma escola, um movimento literário ou musical.” (BARBOSA FILHO 2003 p.112).

Mesmo tendo que visar esse lado educativo, não se deixou de levar em conta a consideração de Napolitano e Villaça (1998):

Mumificar o Tropicalismo, num conjunto de mitos historiográficos apologéticos, como a mídia (mesmo a mais sofisticada) muitas vezes tem feito, nos parece a pior homenagem a um movimento de intenções dessacralizadoras, ainda que visceralmente ambíguo em relação ao seu material de inspiração (aliás, talvez sua riqueza estética resida justamente nesta contradição). (NAPOLITANO e VILLAÇA, 1998. p. 14)

Assim, o documentário foge dessa concepção mumificada. Não nos restringimos a apresentar meros dados capazes de contar a história da Tropicália, pelo contrário, buscamos mostrar as sensações desse movimento de forma poética.

#### **4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS**

A liberdade de expressão e a possibilidade de experimentação foram as características deste documentário, desde a concepção da idéia inicial do *Bananas ao Vento* até o momento de finalização do produto.

O método mais utilizado pela equipe foi a coleta de dados, por meio de livros, artigos científicos, sites, músicas, entrevistas e depoimentos. A partir desse material coletado, adquirimos conhecimento prévio para a elaboração do roteiro e perguntas aos entrevistados.

No momento da escrita do roteiro foram levados em conta os elementos citados por Barbosa Filho (2003) como linguagem informal, objetiva e, principalmente, que trabalhasse com a sensorialidade do ouvinte. Afinal, no rádio faz-se uso apenas da voz, sendo necessário criar imagens na mente do ouvinte em uma linguagem envolvente, descrevendo o cenário e o transportando para o local em que se deseja por meio de um “diálogo mental”.

Além disso, “no documentário, os vários aspectos podem ou não ser fragmentos da realidade, mas não precisam aparecer como tal; são apresentados, isto sim, como constatações devidamente sustentada por seus argumentos ou pela força afetiva do relato” (JOSÉ, 2003, p. 7-8). Assim, foi inserida no documentário a personagem fictícia Maria Flora, que contaria fatos reais ocorridos durante o movimento musical, mas primando sempre pelo lado afetivo do relato de forma a envolver o ouvinte. Todas as descrições feitas por ela foram baseadas nos vídeos que a equipe assistiu no site *YouTube* e fotos sobre a época.

Como no documentário deveriam constar depoimentos e a equipe não conseguiu entrevistas de membros do movimento, tivemos que coletar o que Ferraretto (2007) denomina de entrevistas de opinião, ou seja, entrevistas sobre o ponto de vista de uma fonte sobre determinado assunto. Tendo em vista que “a relevância da fonte determina, em parte, a qualidade e a credibilidade das declarações” (FERRARETO 2007, p. 272) entrevistou-se o maestro da UFV, Rogério Moreira Campos que tem propriedade para falar sobre movimentos musicais, pois os estuda. A jornalista e doutora em história, Ana Maria Dietrich, falou sobre a Tropicália no contexto da ditadura. Os depoimentos foram adquiridos por meio de entrevistas coletadas com gravadores, posteriormente, por meio da decupagem selecionamos as sonoras que seria inserida no documentário.

O *Bananas ao Vento* deveria ser musical, mas não poderia deixar de lado o formato educativo-cultural, e como tal, precisava informar por meio da contextualização presente na narrativa dos apresentadores e depoimentos das fontes. Por haver um tempo estabelecido, 20 minutos, foram reproduzidas apenas frases musicais.



Com o roteiro em mãos foram gravadas as narrações de Maria Flora, a fala do locutor e a declamação do poema no estúdio do Laboratório do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFV.

Após a elaboração do roteiro e gravação partiu-se para o último passo: a edição. Essa foi realizada no programas *SoundForge*. Foram utilizadas as duas formas de passagens entre inserções sonoras categorizadas por Ferraretto (2007), corte seco com emenda e sobreposição.

O caso do corte seco com emenda pode ser verificado na maior parte do documentário quando o som da música pára de ser transmitida e começa a fala do locutor. Quanto à sobreposição, esta é percebida no canto de Maria Flora junto à voz de Caetano Veloso em *Alegria, Alegria*.

Também houve a inserção de fundo musical, BG (background), ao final, no momento em que o locutor lê a ficha técnica.

*Bananas ao Vento* possui ainda uma vinheta de abertura contendo as três frases musicais que caracterizaram o Tropicalismo nos festivais da MPB da Record, são elas: *Alegria, Alegria* (Caetano Veloso), *Domingo no Parque* (Gilberto Gil) e *Divino Maravilho* (Gal Costa). Às breves frases musicais são adicionadas um conjunto de vozes que proclamam *Tropicália: Bananas ao Vento*.

Essa vinheta é reproduzida quatro vezes possibilitando ao ouvinte que acompanha o documentário, a retomada ou apresentação de qual programa trata e qual o tema por ele abordado, independentemente do momento em que este começou a ser ouvido. Depois da audição em sala de aula, na presença da professora orientadora e demais alunos da disciplina *Atividades Programadas em Jornalismo Radiofônico*, o documentário foi veiculado na Rádio Universitária 100, 7 FM, uma emissora com caráter educativo instalada na Universidade Federal de Viçosa, que abre espaço para produções acadêmicas orientadas por professores.

## **5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO**

O *Bananas ao Vento* foi produzido em junho de 2008 sob a orientação da professora Kátia Fraga pelos alunos curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, como parte das produções da disciplina *Atividades Programadas em Jornalismo Radiofônico*.

Para a produção do documentário foi necessário primeiramente fazer uma pesquisa ampla a fim de se perceber o intuito do Tropicalismo, suas influências e importância tanto para a música como para a cultura brasileira. Após essa pesquisa prévia, já foi possível notar quais as produções musicais se destacaram no movimento para que estas fossem reproduzidas no documentário por meio de frases musicais.

Foi por meio dessa pesquisa inicial que surgiu o nome do documentário, já que um dos poemas chave para o início do movimento, Geléia Geral de Torquato Neto e Gilberto Gil proclamava no último verso: “Tropicália: Bananas ao Vento”.

A tarefa mais árdua foi condensar tudo o que havíamos pesquisado em um documentário de cerca de 20 minutos de duração e conseguir apresentar toda a trajetória do movimento em um produto final que não fosse maçante.

Por isso, foi criada uma personagem fictícia, Maria Flora, para contar a história do tropicalismo pela ótica de uma pessoa que viveu durante a época do movimento. Ela descreveria de tal forma que o ouvinte conseguiria imaginar-se no lugar dela. Assim ela apresenta, por exemplo, o cenário do III Festival de MPB da TV Record, ponto inicial do movimento, realizado em 1967, em que Gilberto Gil e Caetano Veloso participaram com as músicas Domingo no Parque e Alegria, Alegria. Ela conta como estava a platéia no dia, qual foi a sensação ao ouvir aquelas músicas, de que forma os cantores portavam-se.

Por meio da narradora as partes do documentário foram encadeadas, e outros aspectos do movimento puderam ser apresentados, como o contexto histórico, o significado da ideologia antropofágica do tropicalismo, os cantores participantes, as músicas, a apresentação marcante de *Divino Maravilhoso* por Gal Costa, o dia em que Caetano foi vaiado quando cantou a canção *É proibido proibir*.

Como o documentário permite a experimentação e o tema tratado também trazia essa junção de elementos, o *Bananas ao Vento* traz uma série de inovações. O programa é praticamente todo conduzido pela personagem Maria Flora, que, como um *flash back*, revive aquela época. Para dar esse efeito a edição do programa teve que se utilizar de sonoras, frases musicais e leitura de poema. Dois especialistas, uma historiadora e um músico também referendaram algumas informações sobre o movimento e o contexto da época para trazer mais informações para o ouvinte. Além disso, há a presença de locutor que fica em segundo plano trazendo também algumas informações sobre o tema.

Um dos pontos do documentário é a declamação do poema Geléia Geral, que surge no programa e contribui para a plástica revolucionária que este deveria assumir.



## 6 CONSIDERAÇÕES

Durante toda a elaboração do trabalho notamos que os integrantes do movimento não definiam o que era a Tropicália. Por isso, como estava previsto na atividade aplicada em sala de aula, dedicamo-nos a uma série de pesquisas para aprofundarmos nossos conhecimentos. Assim, não seria contundente de nossa parte encaixar a Tropicália em uma mera definição, uma vez que o termo não se encaixa em nenhum padrão e que aí reside a força desse movimento que se mostrou único, repercutindo na música brasileira.

A Tropicália alastrou-se como bananeiras no Brasil, influenciando grande parte da música popular produzida posteriormente aqui. Até mesmo em trabalhos seguintes de cantores da MPB mais tradicional, como Chico Buarque e Elis Regina, pode-se encontrar efeitos do "som universal" tropicalista.

Descendentes diretos ou indiretos do movimento surgiram em outras décadas, como o cantor Ney Matogrosso e a vanguarda paulistana do final dos anos 70. Já nos anos 90, o compositor pernambucano Chico Science também se mostrou adepto ao tropicalismo.

Enfim, a tropicália resiste nas atividades musicais daqueles que não tem receio em ousar, assim como nós que experimentamos produzir um documentário radiofônico irreverente.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CEREJA, William Roberto; MAGALHAES Thereza Cochar. Tropicalismo: chiclete com banana. In: **Português: linguagens: literatura, produção de texto e gramática**. p. 395 – 405. vol 3. 3 ed. São Paulo: Atual, 1999.

FERRARETTO, Luiz Artur. **RÁDIO - o veículo, a história e a técnica**. 3 ed. Porto Alegre: Dora Luzzato, 2007.

FILHO, André Barbosa. **Gêneros Radiofônicos: os formatos e os programas em áudio**. São Paulo: Paulinas, 2003.

JOSÉ, Carmen Lúcia. História oral e documentário radiofônico: Distinções e convergências. In: **Anais do XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Belo Horizonte MG – 2 a 6 Set 2003**.

NAPOLITANO, Marcos; VILLAÇA Mariana Martins. Tropicalismo: As relíquias do Brasil em debate. In: **Revista Brasileira de História**. vol.18, n.35. São Paulo, 1998.



SANT'ANNA, Romano de. **Tropicalismo: A Paródia e os Meios de Comunicação**. In: Música Popular e Moderna Poesia Brasileira. São Paulo: Landmark, 2004.

\_\_\_\_\_. **Tropicalismo! Tropicalismo! Abre as Asas sobre Nós!**. In: Música Popular e Moderna Poesia Brasileira. São Paulo: Landmark, 2004.

**Tropicália**. Disponível em <http://tropicalia.uol.com.br>. Acesso em 26 mar. 2009 às 20h.